

## GREGÓRIO DE MATOS: OS REFLEXOS DA SOCIEDADE BAIANA DA ÉPOCA EM SUAS OBRAS

FERNANDES, Luiz Antônio Nogueira.<sup>1</sup>  
BETT, Natalya<sup>2</sup>

**RESUMO:** O reflexo que a Literatura traz do contexto histórico-social em que ela é produzida, é uma marca que demonstra o engajamento que ela transmite ao interlocutor que a lê. Por isso, com o objetivo de levantar e trazer à luz do conhecimento as obras de Gregório de Matos e as influências da época da Bahia do século XVII. Buscou-se compreender o período histórico dos séculos XV ao XIX, tão quanto as características do movimento do Barroco no Brasil àquela época, e, inclusive um pouco da biografia de Gregório, porque assim ter-se-á a fundamentação teórica sólida para chegar aos resultados precisos. Utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica para obter os resultados esperados, pois teve-se como base autores como: Boris Fausto, Mary Del Priore, Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Massaud Moises entre outros, ajuda-nos a compreender esse processo histórico e literário pelo qual as obras de Gregório foram submetidas. Resultados obtidos com base em análises de obras de Gregório que apresentam influências da época baiana, assim, muitas têm críticas ao modo de vida, à religião, ao sistema de governo da época e outros.

**PALAVRAS-CHAVES:** Barroco; Gregório de Matos; Brasil Colônia.

### 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentar-se-á questões que são relevantes para aprimorar o conhecimento sobre a história do Brasil, principalmente, à época Colonial. Concomitante a isso, também servirá para levar à luz do conhecimento, o posicionamento histórico crítico da Literatura Brasileira, por isso, o tema é delimitado ao contexto histórico e a literatura produzida à época, mais especificadamente, às obras de Gregório de Matos Guerra, alcunha de Boca do Inferno.

Iniciar-se se á pelo estudo e contextualização do período histórico do século XVII, com base em autores como Boris Fasuto, Falcon e Mary Del Priore, uma pesquisa bibliográfica será de grande relevância para a obtenção dos resultados esperados ao propor este estudo.

Após a contextualização, haverá citações de obras e parte de poemas escritas por Gregório para que haja uma melhor compreensão do objetivo proposto, que é, no caso, desenvolver um estudo e o conhecimento sobre a obra dele e o reflexo da sociedade baiana da época nelas.

Também, com base em autores como Boris Fausto, Antônio Cândido, Massaud Moisés e outros, tem-se um panorama sobre a vida pessoal de Gregório, suas trajetórias, seus textos e seus reflexos perante à época. Cabe, aqui, ressaltar que as obras atribuídas ao Boca do Inferno, são

<sup>1</sup>Graduado em Letras Português/Inglês e Pós-Graduado em Literatura e Ensino, especialização *lato sensu*, pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: luizantonio\_nf@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduada em História pela Universidade Paranaense – UNIPAR. E-mail: natalya.bet@hotmail.com



consideradas como importantes textos históricos da Literatura Brasileira, principalmente, por compreender elementos do Barroco.

Também será mostrada aqui neste trabalho, elementos básicos do Barroco, suas características, seu período (didaticamente), e as suas influências nas expressões artísticas da época. E concluirá nos resultados e síntese das principais ideias aqui discutidas.

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO

O contexto histórico brasileiro durante o século XVII é marcado pelo domínio português sobre o território brasileiro, que por sua vez, era uma das colônias portuguesas que, através do mercantilismo, permitia lucros a Portugal.

O Mercantilismo segundo Fausto (2013), foi uma concepção política e econômica durante os séculos XV a XVIII, marcado por três fatores essenciais: intervenção estatal, colonialismo e metalismo.

A intervenção estatal refletia o domínio do Estado Absolutista sobre as práticas econômicas, no contexto do mercado internacional, no qual pode-se perceber

[...] uma política de proteção dos produtos do país mediante uma série de medidas: reduzir pela tributação elevada, ou proibir a entrada de bens manufaturados estrangeiros e facilitar o ingresso de matérias-primas; inversamente, proibir a saída de matérias-primas produzidas no país e estimular a exportação de manufaturados quando estes concorressem vantajosamente no mercado internacional. (FAUSTO, 2013, p. 50).

O colonialismo refere-se a conquista de novos territórios e a sua exploração, assim, as terras brasileiras tornaram-se, durante os séculos XVI até o XIX, uma colônia de exploração para Portugal. Segundo Falcon (1990), o monopólio colonial somente permitia a comercialização da colônia com a metrópole, no caso do Brasil, os produtos que aqui eram explorados e extraídos poderiam ser vendidos somente a Portugal. Explorava-se diversos produtos tais como especiarias, madeiras, metais preciosos, entre outros. Isso gerava o monopólio comercial, pois somente se vendia e se comprava de navios portugueses.

Havia a necessidade de proteção do mercado, onde os estados absolutistas europeus buscavam sempre uma balança comercial positiva, segundo Falcon (1990), ter um saldo positivo era sinal de que a riqueza do Estado progredia, para que isso acontecesse era necessário exportar mais e proibir



determinados tipos de importação, para isso utilizava-se de altas taxas alfandegárias sobre determinados produtos que vinham do exterior, podemos perceber que

[...] impedir ao máximo que navios estrangeiros transportassem mercadorias da colônia, sobretudo para vender diretamente em outros países da Europa. Inversamente, procurava-se também impedir que mercadorias, em especial as não produzidas na metrópole, chegassem à colônia em navios desses países. Em termos simplificados, buscava-se deprimir, até onde fosse possível, os preços pagos na colônia por seus produtos, para vendê-los com maior lucro na metrópole. (FAUSTO, 2013, p. 51).

O metalismo era o acúmulo de metais preciosos pela metrópole, pois a riqueza dos Estados se refletia o quanto de metais preciosos podia-se ter.

O período colonial brasileiro, durante o século XVII, período em que Gregório de Matos viveu, possuía uma organização econômica que girava em torno da atividade açucareira, especificamente na Bahia e Pernambuco como áreas produtoras. O cotidiano brasileiro irá se ater durante esse período muito mais nas áreas rurais do que urbanas. Segundo Fausto (2013), o Nordeste era designado como “Norte”, a cidade de Salvador foi a capital do Brasil colonial até 1763, a atividade açucareira nos primeiros séculos de colônia, foi a principal atividade econômica e os principais centros eram Pernambuco e Bahia, por conta da boa localização na costa brasileira, com bons solos e chuvas regulares.

Muitas pessoas que vieram para o Brasil colonial, possuíam a intenção de enriquecer e logo voltar para Portugal, pois boa parte do território brasileiro era muito quente, diferentemente do clima português e, principalmente, o nordestino que era voltado para a produção da cana de açúcar. Não havia uma preocupação com o desenvolvimento, Novais (1997), nos diz que a atividade açucareira era uma economia voltada para a exportação, e a economia de subsistência era de formação instável que não buscou ser implementada na colônia.

O período em que Gregório de Matos escreve, é um período em que a atividade açucareira passa por uma crise econômica.

Os poemas de Gregório de Matos nos demonstram questões do cotidiano social da sociedade baiana, que ele busca retratar em seus poemas sobre a sociedade baiana, analisaremos a seguir o seguinte poema

#### SONETO

A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana e vinha;

Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro,  
Que a vida do vizinho e da vizinha  
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,  
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,  
Trazidos sob os pés os homens nobres,  
Posta nas palmas toda a picardia

Estupendas usuras nos mercados,  
Todos os que não furtam muito pobres:  
E eis aqui a cidade da Bahia. (MATOS, 2013, p. 85).

Verifica-se no poema acima, críticas ao governo da época, quando o eu-lírico diz que existem vários conselheiros, mas que sequer sabem governar uma cozinha, hipocrisia em que os olhos de Gregório detectam e convertem em versos. Quando analisamos esse poema do Gregório nota-se os aspectos sociais referentes aos centros urbanos da sociedade brasileira colonial. Nesse contexto, as casas eram muito próximas umas das outras, e não havia intimidade nem dentro do lar, explícito na segunda estrofe.

Ainda na análise do poema, percebe-se as descrições de cidadãos que compunham a Bahia da época, como mulatos, homens nobres, entre outros, e por fim ele reafirma que toda a crítica sobre a hipocrisia e as mazelas são cotidianas na Bahia da época.

É interessante ressaltar que a palavra “privacidade” para a América Portuguesa, só iria aparecer em 1718 com o jesuíta Raphael Bluteau, que segundo a sua definição “privado: uma pessoa que trata só de sua pessoa, de sua família e de seus interesses domésticos” (DEL PRIORE, 2011, p. 14). A sociedade então vivia através de ritos estabelecidos, no qual a Igreja ditava o modo de viver para as pessoas, que segundo Del Priore (2011), as regras regulavam as condutas da sociedade, que por sua vez carregavam consigo e interiorizavam nas pessoas fazendo parte do modo de viver delas.

A intimidade não existia dentro do lar, e a vida cotidiana dava-se ao exterior das casas, por conta do clima quente. Nos centros urbanos os vizinhos estavam sempre atentos, pois cuidava-se da vida alheia, como maneira de descontração, onde as pessoas espiavam e falavam uma das outras. Durante o período colonial não havia a separação da vida privada e do espaço público, no qual

Dessa forma, apesar dos cuidados tomados na construção das casas em relação a privacidade, como a presença de muros, treliças nas janelas, quintais nos fundos ou jardins e pomares, eles não parecem ter sido suficientemente eficazes para preservar seus

moradores de um contato mais íntimo com a rua e com os vizinhos, tão próprio da época. (ALGRANTI, 1997, p. 98).

Os próprios escravos no abastecimento de água, na lavagem de roupas e das louças, segundo Algranti (1997), conversavam sobre o que se passavam nas casas em que cada um residia, que contribuía para a exposição íntima e pessoal dos indivíduos, como é percebido no poema de Gregório.

É interessante ressaltar que as casas da época possuíam poucas janelas e, segundo Del Priore (2011), quase nunca eram limpas, as casas eram raramente pintadas, e os quartos não eram abertos a ventilação, as pessoas dormiam em redes, a privacidade dos casados também não havia, pois havia frestas nas paredes, e as portas não trancavam, porque as chaves eram muito caras.

Gregório de Matos escreveu sobre seu tempo, sob aspectos de erotização, intimidade, sexualidade e higiene, é necessário analisar sob o ponto de vista do poeta, e também sob os aspectos culturais da época, através do poema a seguir

[...] Lavai-vos quando o sujeis  
E porque vos fique o ensaio  
Depois de foder lavai-o  
Mas antes não o laveis. (MATOS, 2010, p. 300).

Durante o período colonial não era prática comum a higienização corporal, ao contrário dos indígenas que banhavam nos rios várias vezes ao dia. Segundo Del Priore (2016), os perfumes que eram utilizados para a sedução remetiam aos animais, como o âmbar e o almíscar (sendo o último muito apreciado por Gregório de Matos) que eram utilizados por algumas mulheres envolvendo a erotização das partes íntimas e o odor. No poema de Gregório, o poeta questiona sobre uma de suas paixões, como nos afirma Del Priore (2016), de ter sido seduzido por uma mulher, e que antes do ato sexual, ela havia lavado as partes íntimas, no qual resultou em um poema que ele se queixa do ato.

É interessante analisar sobre as relações sexuais, pois Gregório de Matos vivia de maneira libertina para a época. A Igreja buscava ditar as regras sobre os comportamentos morais, sociais, e também íntimos. O sexo era algo voltado somente para a procriação, e segundo Del Priore (2011), o prazer não era incluso nas relações íntimas dos casados, e os enamorados não se despiam, e métodos contraceptivos ou abortivos eram condenados pela moral religiosa. Havia uma grande erotização sobre as partes íntimas das mulheres e a representação de inocência e pureza necessitava

mantê-las sempre depiladas ou raspadas, pois “frisar, pentear, cachar os públicos eram apanágios das prostitutas.” (DEL PRIORE, 2011, p. 32).

A Igreja estava sempre a controlar a vida privada, sexualidade, comportamento, ditando as regras para a vivência tanto em público como no privado. A sexualidade como pode-se analisar, era marcada por uma ideia de que as mulheres deveriam se assemelhar com a pureza da Virgem Maria, segundo os preceitos católicos.

Compreender como era o cotidiano social, cultural, e o campo das mentalidades durante o período colonial, nos permite analisar como a Igreja dominava o campo das mentalidades e influenciava as pessoas em diversas esferas. O sexo era somente voltado para procriação e as mulheres deveriam se ater a manter a sua pureza.

As mulheres ficavam em segundo plano, pois o modelo patriarcal deixava o sexo feminino retido aos cuidados da casa, dos filhos, e do marido. É interessante perceber que nem toda a sociedade colonial ficou retida a esses moldes, já que muitas mulheres participaram do ambiente urbano pela necessidade de completar a renda familiar, e isso fez com que elas fossem diminuídas perante à sociedade.

Ao analisar Gregório de Matos, a partir de sua vida libertina, ele era um homem que vivia em conflito em suas questões morais e religiosas e isso é muito demarcado em seus poemas

#### BUSCANDO A CRISTO

A vós correndo vou, braços sagrados,  
Nessa cruz sacrossanta descobertos  
Que, para receber-me, estais abertos,  
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados  
De tanto sangue e lágrimas abertos,  
Pois, para perdoar-me, estais despertos,  
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,  
A vós, sangue vertido, para ungir-me,  
A vós, cabeça baixa, p'ra chamar-me

A vós, lado patente, quero unir-me,  
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,  
Para ficar unido, atado e firme. (MATOS, 2010, p. 316).

A religião era algo comum na vida das pessoas, e com Gregório de Matos não era diferente, o poema citado acima, parte de uma análise particular referente ao conflito pessoal que o poeta tinha



por conta do arrependimento, também é perceptível o conflito entre a busca pela crença religiosa da salvação, mas em contraponto o pecado humano que dificultava a aproximação divina.

A sociedade baiana vivia sob as regras que a Igreja Católica ditava, o cotidiano então era marcado por questões religiosas, pois a ritualística para tratar questões comuns da vida diária, como nascimento, morte, doenças, sempre recorria a representantes religiosos como os padres. O embate sobre o destino da vida quando as pessoas morriam eram levadas a sério, pois visava-se a salvação como relata o poema de Gregório de Matos.

As pessoas da sociedade baiana tinham forte apego aos santos católicos, onde podemos perceber, segundo Macedo (2008), as manifestações populares voltadas as festas religiosas, que popularmente tornou-se conhecida como “festa junina”, mas que era denominada “festa joanina” que é em homenagem a São João, marcada por sincretismos tais como “a dança de quadrilha advinda de danças de cortes francesas, os mastros a simbolizar falos na Europa medieval, o rito de fertilidade no casamento e na fartura das comidas e doces, o santo homenageado nas ruas, nas danças” (MACEDO, 2008, p. 4). As festas religiosas tornavam as pessoas próximas, porque era a época em que todos se reuniam nas ruas das cidades para comemorar determinada celebração religiosa.

Também devemos analisar o hibridismo cultural, pois a sociedade do período colonial era formada por portugueses, indígenas e africanos em sua grande maioria. As religiões ditas pagãs, dos indígenas e africanos, misturava-se com a religião católica. É interessante ressaltar que a Inquisição acolhia denúncias sobre a vida das pessoas, pois a privacidade era algo que não existia no período colonial. Segundo Vainfas e Souza (2002, apud MELO, 2010), os escravos africanos conseguiram manter suas práticas religiosas por não serem julgados perante à Inquisição pela condição de mão-de-obra escrava, favorecendo a permanência de suas práticas religiosas.

Analisar-se-á então, aspectos sociais dentro da sociedade de engenho, demarcado entre senhores e escravos. Foi nesse contexto que ocorreu a mudança escravocrata de mão de obra indígena para a africana. Segundo Fausto (2013) em relação aos aspectos econômicos e sociais dos senhores de engenho, esses homens possuíam considerável poder, mas não eram uma nobreza hereditária, os títulos na colônia brasileira eram por serviços que eram prestados ou quando se pagava por ele, mas não eram transmitidos aos herdeiros

o negócio da cana trazia riscos, dependendo da oscilação de preços, de uma boa administração, do controle da massa escrava. Os engenhos foram mais permanentes do que seus senhores. Existiram os mesmos nomes por centenas de anos, porém mudaram várias vezes de mãos. (FAUSTO, 2013, p. 71).



Os escravos da atividade açucareira foram em parte os que mais sofreram na sociedade colonial, pois eles realizavam todo tipo de trabalho pesado nas moendas de cana-de-açúcar e no campo. Como relata Fausto (2013), os cativos trabalhavam nas fornalhas e caldeiras na produção do açúcar, podendo sofrer queimaduras, ou correr o risco de perder parte dos membros do corpo.

### 3. BARROCO NO BRASIL

Durante os séculos XVII e XVIII, surgiram os primeiros vestígios do estilo Barroco no Brasil, no qual se tem como representantes Gregório de Matos (alcunha de Boca do Inferno) e Botelho de Oliveira, além de outros. É importante ressaltar que a estética barroca que houve nesse período, em terras brasileiras, fora um reflexo do Barroco europeu e as academias que surgiram, somente, repetiam o que na Europa acontecia. (BOSI, 2013).

Segundo Lima (2016), todas as formas e sentidos em que o Barroco já fora discutido por anos, sempre lhe é acrescentado características novas, ou seja, há nele a ambiguidade que fora uma das maiores características, um poeta que está em perpétua agonia, no qual há diversas alegorias, a linguagem rebuscada, a obscuridade, entre outras. “Esse homem que transpassa o tempo e nunca deixou de existir, um homem em estado (bi) polar, dilemático, duvidoso, perscrutador.” (LIMA, 2016, p. 131).

Ao fim dos anos do século XVIII, surge um subsídio concreto para se ter maior consistência e assumir, de certa forma, a originalidade e significância ao, tido na época, “Barroco brasileiro”, já que o ciclo do ouro que, ocorrera em Minas Gerais, trouxe à arquitetura, à música, às esculturas e, assim por diante, uma ressignificação das obras de nativos brasileiros. Temos, ainda, como exemplo mais significativo, Aleijadinho, que esculpiu durante os anos finais do século XVIII. (BOSI, 2013).

Lezama Lima (1988), cubano, que estudou a fundo o movimento do Barroco nas Américas, indica que o vocábulo Barroco se divide em três etapas ou significantes, 1) mostra uma tensão, digna dos acontecimentos da época. 2) plutonismo, que explica por consequência da colonização e 3) a aquisição da linguagem à época, pois ainda havia a necessidade da criação ou de um dialeto próprio para essas terras, no qual ele dá o nome de plenário. Assim, essas divisões se dão, principalmente, por conta das correntes que os colonizadores nos amarravam.

Há no entendimento de Coutinho (1994), que o Barroco e toda sua expressão artística e literária exprime o estado emocional e espiritual, com o princípio de um estereótipo de sujeito com





suas aflições mundanas e espirituais dentro da ambiguidade da época. “O poeta barroco era um arquiteto, produzia poesia à maneira de um ourives, juntando pedaços, interligando partes que formariam um todo.” (LIMA, 2016, p. 138).

O termo Barroco, inicialmente, possuía um significado bastante pejorativo, principalmente, em meados dos séculos XVI e XVII, porém, inclusive, anos depois, essas mesmas atribuições negativas servirão de base para cravar as características do Barroco nas águas do rio literário brasileiro. Assim, vê-se que a postura da sociedade da época, era avessa ao movimento de expressão artística e literária Barroco. (LIMA, 2016).

O estilo Barroco surge, em viés europeu, no período de transição do Renascimento ao Humanismo. Cabe lembrar que, segundo Bosi (2013, p. 29), o Renascimento é “fruto maduro da cultura urbana em alguns centros italianos desde o princípio do século XV [...]” inclusive, conforme essa cultura fora inseminando-se pelas cidades que ainda possuíam fortes elos medievais, ela se modificava e ganhava aspectos e configurações especiais.

Na contemporaneidade o estilo Barroco, para a crítica literária e para a História da Literatura, é considerado uma expressão de arte e de literatura correspondente aos séculos XVI e XVII, desta maneira, vê-se o Barroco como um mister das ideologias propagadas na Idade Média contextualizada no período Humanista. Porém, é importante ressaltar que essa delimitação cronológica, serve apenas para fins didáticos nos moldes de estudos com prerrogativas positivistas. (LIMA, 2016).

Para o mesmo autor Lima (2016, p. 134-135), “O Barroco pode, assim, ser compreendido como atemporal, transtemporal, imerso na vida do povo.” Ou seja, quando afunilamos o estudo e tratamos especificadamente acerca do Barroco, tem-se na crítica literária contemporânea que ele não se prende, não se fixa em datação história, pois suas características e influências permeiam toda a História da Literatura.

#### **4. SOBRE GREGÓRIO DE MATOS GUERRA**

Ao tratarmos de Gregório de Matos e Guerra, deparamo-nos com questões, ainda, não bem esclarecidas e que, talvez, torne-se um enigma por séculos ainda. Vários teóricos e biógrafos da vida de Gregório, divergem quando o assunto é o seu nascimento e morte, segundo Manuel Pereira Rabelo, ele teria nascido em 1633, na Bahia, e morrido em 1696, com setenta e três anos, entretanto os anos não batem com a idade, ou seja, Gregório deveria ter nascido em 1623 para falecer, em



1696, com setenta e três anos. Por isso, muitos outros estudiosos levam em consideração que houve um erro dos copistas da época. (LIMA, 2016).

Nos convêm falar sobre Fernand da Rocha Peres que traz uma biografia que diverge na posição sobre o nascimento de Gregório, ele afirma que Matos nascera em 1636, na Bahia de Todos os Santos. Inclusive, “o jovem Gregório de Matos nasceu em um berço ilustre da colonial Bahia. Com pais influentes, ele teria uma educação nos moldes europeus.” (LIMA, 2016, p. 63). Filho sucessor de pais com grande poder aquisitivo e influente à época. Seu avô, Pedro Gonçalves de Matos, chega na no início do século XVII ao Brasil Colônia, e traz consigo seu filho e herdeiro de sua fortuna, Gregório de Mattos, este pai do poeta Gregório de Matos e Guerra. (LIMA, 2016).

Gregório vai a Portugal estudar em Coimbra, por lá vive mais de trinta anos e se forma em leis, ou seja, Direito à época. Retorna ao Brasil em 1682, no qual tem sua vida virada de pernas para o ar, isso porque foram tempos de muitas mudanças, e mudanças radicais, como no âmbito da economia, mudanças na sociedade baiana, e, principalmente, nas questões religiosas. Gregório, primeiramente, assume os cargos de tesoureiro-mor da Sé de Salvador e de desembargador da Relação Eclesiástica da Bahia, nomeado, inclusive, pelo rei D. Pedro II, principal motivo pelo retorno ao Brasil. (LIMA, 2016).

Ainda segundo Lima (2016), Gregório sofre a perda desses cargos de confiança por consequência de questões religiosas onde vivia, já que não quisera se tornar padre e desobedeceu às ordens superiores da própria igreja. Mas, mesmo assim, ele mantém sua fama e seu cotidiano de boêmio “não há mais impedimentos para ele desferir sua língua cáustica contra tudo e todos. Ninguém escapará do seu fel.” (LIMA, 2016, p. 69).

Também fora ameaçado de morte por satirizar a aristocracia da época, e assim, fora deportado para Angola, em 1694, porém, no ano seguinte retorna ao Brasil, pois serviu de intermediador entre os militares e o governo. Contudo, volta a Recife, onde morrera no mesmo ano, muitos teóricos afirmam que fora pela “peste da bicha” que resultou na ceifa de milhares de pessoas no século XVII. (LIMA, 2016).

## **5. GREGÓRIO E SUAS OBRAS**

Maria de Lourdes Teixeira (1977), afirma que Gregório, quando construía suas poesias, recorria aos mais diversos temas possíveis. Ela, inclusive, ressalta que por parte da estética barroca, temas como: o desregramento, a angústia, a chacota, a ironia, o lirismo amoroso, a devoção, o



arrependimento, a volúpia, a sátira, o sarcasmo, “o poder temporal e religioso, o dinheiro, a justiça, a autoridade, a sovinice, a agiotagem, a hipocrisia, a devassidão, o ódio” (TEIXEIRA, 1977, p. 94), e entre outros, são temas que corriqueiramente apareciam nos poemas de Gregório, também, ele demonstrava seu conflito interno entre o bem e o mal, no qual conseguimos traduzir pequenos fragmentos da sua personalidade, que, a princípio, parecia atormentada pelos pecados mundanos e, com receio do castigo divino.

Gregório volta ao Brasil, estudado e poético, inicia, então, a escrever sátiras constantes à sociedade local, como forma de denunciar as desigualdades que ali aconteciam. (LIMA, 2016).

De dous ff se compõe  
esta cidade a meu ver  
um furta, outro foder. (MATOS, 2010, p. 102).

Como é representada nesse pequeno poema, Gregório expõe, dentro do seu ponto de vista, uma crítica ao sistema da cidade à época, pois a construção desse poema se dá no sentido de escancarar as mazelas que ocorriam dentro do governo colonial e, concomitantemente, ocorriam dentre os cidadãos da antiga Bahia.

Mesmo que toda sua vasta coletânea de obras, tenha sido escrita durante o século XVII, ela não fora publicada nessa mesma época, pois a literatura, de modo geral, era muito mais oral do que, propriamente dita, escrita. Inclusive, não havia a preocupação dos poetas em escreverem ou publicarem suas obras, elas eram apenas criadas e lidas ao público através de encontros públicos e, dessa forma, eram repassados de pessoas a pessoas. (LIMA, 2016).

Considera-se que vasta produção literária de Gregório, tenha sido escrita entre as décadas de 80 e 90 do século XVII, ou seja, com intelectualidade e criticidade amadurecida e em plena forma física. (BARROS, 1986).

Cabe ressaltar que sua obra só fora reconhecida e redescoberta, no período, cronologicamente, do Romantismo, quando Varnhagen o descobriu. Também é importante ressaltar que só ao final do século XIX, Gregório teve a oportunidade de ter sua obra realmente avaliada e servir de influência a outros autores. Contudo, a obra do período colonialista serve de demonstração das nossas raízes literárias, mas que Gregório se manteve sempre na história local da Bahia e que, enquanto esteve coberto pelo anonimato literário, não serviu de influência a outros escritores. (CANDIDO, 2000).

O poeta não usou somente de elementos da Europa, mas fez uma mistura com o americano. Esse fato nos leva a crer que a poesia gregoriana é brasileira e universal e, portanto, digna de ser a precursora de uma literatura no Brasil. Seja para qual fim se destina, a poesia do



século XVII aponta para um horizonte de grande poder artístico-cultural. (LIMA, 2016, p. 75).

Massaud Moisés (1997), diz que a obra gregoriana assume grande importância para o Brasil, inclusive pela pouca referência de autores daquela época. Ele diz que a vasta obra é repleta de autonomia e coragem por se posicionar tão criticamente à sociedade da época, ou seja, seu senso de moralidade e coragem em denunciar as mazelas da Bahia, foram suas maiores características enquanto escritor.

Junto com o padre Antônio Vieira, formavam a melhor dupla da representação desse mister entre cultura portuguesa e brasileira durante o período do Barroco. Eles se completavam, tanto na percepção de mundo quanto na vontade de manterem suas moralidades e éticas diante de tanta desigualdade e hipocrisias dentro da sociedade baiana da época. (MOISÉS, 1997).

## 6. GREGÓRIO E O REFLEXO DA BAHIA DA ÉPOCA

A literatura vem por esse meio, expressar a realidade, seja qual ela for e de qual período se encaixe, a literatura busca evidenciar pontos dentro da realidade que não são vistos por uma grande maioria. Ela pode nem sempre demonstrar as cenas do dia a dia, corriqueiras, mas ela precisa nos causar impacto e impressionar-nos com o seu conteúdo, com a sua mensagem, com contrastes e harmonias, como de fato é a essência do Barroco, nas palavras de Lima (2016, p. 77) “é encontrar a ordem na desordem, é saber que o caos também pode ser harmônico. É literatura barroca.”

O centro dos olhares ao Brasil, àquela época, era a região da Bahia, pois estava-se construindo a nossa sociedade em meio ao colonialismo, com novas culturas, com misturas de pessoas, de religiosidade extrema, pelo centro de economia de comercialização marítima, pelo, principalmente, contexto do sistema escravagista. Tudo veio a se refletir nas obras que eram produzidas à época, inclusive às obras de Gregório. (LIMA, 2016).

Dentro desse contexto, confirmamos que a literatura desse período, principalmente a de Gregório, sustenta a estrutura da nossa Literatura Brasileira e evidencia que toda a formação da sociedade baiana e a atual possuem as influências transpassadas nas obras desse baiano (LIMA, 2016). Inclusive é válido ressaltar que as obras que perduraram por séculos, atribuídas a Gregório, são intensivas manifestações das características barrocas da época e, também, refletem o contexto em que a Bahia vivia nos séculos XVII e XVIII. (LIMA, 2016).

## 7. CONCLUSÃO

Como visto neste trabalho de pesquisa bibliográfica, afinou-se o trajeto do estudo ao contexto histórico da Bahia à época de XVII e XVIII, como também a vida de Gregório de Matos. Também, teve-se o apoio a autores consagrados da no estudo tanto do Brasil Colônia quanto da História da Literatura Brasileira, assim pode-se alcançar resultados mais precisos sob a problemática levantada. Inclusive, abre-se um leque de novas possibilidades para a ampliação de estudos a partir deste.

Junto com o alcance da resolução da problemática, houve a conclusão dos objetivos propostos, como, por exemplo, ampliar o conhecimento sobre a área abordada no estudo deste trabalho. Com a problemática levantada sobre se houve importantes reflexos da sociedade baiana da época nas obras de Gregório, conclui-se que sim, e que esses reflexos vão além da sociedade da época, pois englobam reflexos do movimento Barroco.

Desta maneira, entende-se que as mudanças que ocorreram durante os séculos XVII e XVIII, principalmente, na Bahia da época, refletiram de forma significativa e impactante na vida de Gregório, que, por sua vez, retratou em suas obras de forma crítica e direta. Há que ressaltar que as influências do Barroco também foram importantes e características nas obras do Boca do Inferno.

## REFERÊNCIAS:

ALGRANTI, Leila Mezan. Família e vida doméstica. In: Fernando A. NOVAIS (coordenador geral da coleção): **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BARROS, Higino. **Escritos de Gregório de Matos**. São Paulo: L&PM, 1986.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **Do Barroco: ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Tempo Brasileiro, 1994.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira: Colônia**. Vol. 1. São Paulo: LeYa, 2016.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FALCON, Francisco. **Mercantilismo e transição**. 11. ed. Coleção Tudo é História. Vol. 7. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 14 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

LEZAMA LIMA, José. **A expressão americana**. Trad. apres. e notas de Irleamar Chiampi. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LIMA, Samuel Anderson de Oliveira. **Gregório de Matos: do Barroco à antropofagia**. Natal, RN: EDUFRN, 376 p., 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16373>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. **Revista Ágora**, Vitória, n. 7, 2008, p.1-20. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1918>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

MATOS, Gregório de, 1635-1615. **Gregório de Matos: poemas**. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

MATOS, Gregório de, 1636-1965. **Poemas escolhidos/Gregorio de Matos**. Seleção e organização Jose Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MELO, Suzana Leandro de. **A religiosidade no Brasil colonial: o caso da Bahia (século XVI-XVIII)**, UFPB-PPGCR - João Pessoa-PB, 2010. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4161/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1997.

NOVAIS, Fernando A. Condições da privacidade da colônia. In: Fernando A. NOVAIS (coordenador geral da coleção): **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Gregório de Matos: estudo e antologia**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977.